

"Ein Brazilianer in Berlin" x "Um brasileiro em Berlim":

Uma análise das diferentes edições da coletânea de João Ubaldo Ribeiro

Ana Paula Seerig¹

Resumo: O presente artigo visa comparar e analisar as edições alemãs e brasileiras da reunião de crônicas escritas por João Ubaldo Ribeiro para jornais alemães no início da década de 1990. Na época, o brasileiro era bolsista do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) e, junto com a família, morou em Berlim por 15 meses. Ao fim do intercâmbio, foi proposta a publicação de uma coletânea, tanto na Alemanha quanto no Brasil. O contraste nas apresentações e posfácios das publicações em cada país faz com que questionemos as decisões editoriais para lançar o livro e sua influência sobre o leitor. A percepção dessas variações nos faz refletir sobre o estudo crítico da obra, tanto em um ambiente escolar quanto acadêmico. Inicialmente será apresentado brevemente o contexto em que as crônicas foram escritas e a sua reunião em formato de livro, identificando o padrão estabelecido entre as publicações na Alemanha e no Brasil. Em seguida serão apresentadas as peculiaridades de quatro edições (duas alemãs e duas brasileiras) com o intuito de perceber o que as diferencia e, enfim, reconhecer como as decisões editoriais influenciam os leitores de cada país.

Palavras-chave: *Ein Brazilianer in Berlin*; *Um brasileiro em Berlim*; João Ubaldo Ribeiro; crônica.

Zusammenfassung: Dieser Artikel zielt, die deutschen und brasilianischen Herausgaben der Versammlung der *crônicas* von João Ubaldo Ribeiro für deutsche Zeitungen am Anfang der 1990er Jahren zu gegenüberstellen und auszuwerten. Damals war der Brazilianer Stipendiat von DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst) und, zusammen mit seiner Familie, wohnte 15 Monaten in Berlin. Am Ende des Austausches wurde die Ausgabe einer Sammlung sowohl in Deutschland als auch in Brasilien vorgeschlagen. Der Kontrast zwischen die Vorbemerkungen und Nachbemerkungen in jedem Land lässt uns die Entscheidungen der Verlage sowie ihre Beeinflussungen der Leser in Frage zu stellen. Die Wahrnehmung dieser Unterschiede lässt uns über die kritische Lesung des Buchs in den Schulen und Universitäten nachzudenken. Zuerst wird kurz die Entstehung der *crônicas* und ihre Veröffentlichungen als Buch vorgestellt, um den Standard zwischen die Ausgaben in Deutschland und in Brasilien zu bemerken. Dann werden die Besonderheiten von vier verschiedenen Herausgaben (zwei Deutscher, zwei Brazilianer) gezeigt, damit man merkt, was sie unterscheidet. Zum Schluss wird es möglich zu bestimmen, wie die Verlagentschlüssen der Leser jedes Landes beeinträchtigen.

Schlüsselwörter: *Ein Brazilianer in Berlin*; *Um brasileiro em Berlim*, João Ubaldo Ribeiro, *crônica*².

¹ Mestre em Língua e Literatura Alemã pela Universidade de São Paulo (USP); professora de língua alemã. E-mail: ana.seerig@hotmail.com

² Na coletânea **Crônicas brasileiras** do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida [HOWER, Alfred; PRETO-RODAS, Richard A. (org.). **Crônicas brasileiras: a Portuguese reader**. Gainesville: Center For Latin American Studies, 1980.] O termo "crônica", enquanto gênero literário, é considerado intraduzível, por isso optei por não traduzi-lo.

Introdução

O Muro de Berlim caiu em novembro de 1989 e, em outubro do ano seguinte, a unificação seria assinada após os alemães viverem por décadas em um território dividido. O escritor João Ubaldo Ribeiro chegou à Alemanha entre esses dois eventos, em abril de 1990, como bolsista do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). Acompanhado de sua esposa Berenice e de seus dois filhos, Bento e Francisca, o brasileiro moraria na capital alemã por 15 meses. A essa altura Ribeiro, nascido na Ilha de Itaparica na Bahia, já tinha publicado suas obras mais conhecidas, **Sargento Getúlio** (1971) e **Viva o povo brasileiro** (1984) – esse último teve sua terceira edição alemã lançada no ano anterior à chegada do autor à Berlim, traduzido por Curt Meyer-Clason.

Logo nas primeiras semanas em solo alemão, o escritor brasileiro foi convidado pelo jornal *Frankfurter Rundschau* para colaborar com o periódico. A proposta havia sido feita, segundo a apresentação na coluna de estreia de Ribeiro, por ser um momento em que os alemães pareciam “se ocupar principalmente, senão exclusivamente, consigo mesmos” e seria significativo ler as “impressões, experiências, observações e pensamentos do que espera um brasileiro em Berlim e na Alemanha” (*Frankfurter Rundschau*, 1990)³. Ao todo, foram 14 textos escritos para o jornal de Frankfurt e um para o semanal *Die Zeit*.

84

Quando fui embora de Berlim, sugeriram que fizesse um livro. Relutei. Mas fizeram o livro do mesmo jeito e foi sucesso aqui na Alemanha. Quando voltei para o Brasil, quiseram fazer o livro lá e fui contra, achando que não interessaria aos brasileiros. Mas foi um sucesso. Depois, na Copa do Mundo da Alemanha, fizeram uma edição especial para os brasileiros que viriam a Berlim e fiz um texto adicional explicando o uso universal da palavra “bitte” [risos]. E o livro até hoje continua sendo publicado. Com muitas ressalvas, eu poderia dizer que sou um escritor popular na Alemanha. Sempre que venho para leituras, aparece muita gente – brasileiros e alemães. (Frey, 2013)

A primeira edição da coletânea foi publicada em alemão, em 1994, pela editora Suhrkamp sob o título **Ein Brazilianer in Berlin**, com as traduções originais de Ray-Güde Mertin para os jornais da Alemanha. Já a primeira edição no Brasil ficou sob responsabilidade da editora Nova Fronteira e foi lançada no ano seguinte com o nome **Um brasileiro em Berlim**. Nos dois países, o formato da coletânea permaneceu o mesmo: a sequência dos 16 textos (aos 15 escritos para os periódicos alemães somou-se um escrito

³ „[...] in dem die Deutschen anscheinend, wenn nicht ausschließlich, so doch vornehmlich mit sich zu tun haben, gebeten, Eindrücke, Erfahrungen, Beobachtungen und Gedanken zu notieren, die ein Brazilianer in Berlin und Deutschland derzeit zu gewärtigen hat.“ [meine Übersetzung]

no Rio de Janeiro, especialmente para o livro) e um posfácio de Mertin, que além de tradutora era também agente literária. Existem, contudo, diferenças na apresentação da coletânea em cada país e no relançamento do livro nos anos 2000. A seguir serão apresentadas quatro edições (duas alemãs e duas brasileiras) para que consigamos identificar se suas particularidades podem influenciar a percepção do leitor de cada país.⁴

Editora Suhrkamp (1994)

A primeira publicação da reunião dos textos alemães de Ribeiro foi feita em formato de edição de bolso, com cerca de 100 páginas. A apresentação é breve e inicia da seguinte forma:

Visões interiores de alguém de fora: durante o ano de permanência em Berlim, 1990/1991, João Ubaldo Ribeiro escreveu para o Frankfurter Rundschau agradáveis colunas sobre a vida na cidade que, então, já não estava dividida. Ele narra de forma maravilhosamente leve as impressões, experiências, observações e pensamentos que um brasileiro teve em Berlim e na Alemanha no auge da revolução da unificação.⁵ (RIBEIRO, 1994, p.2)

Assim se percebe o diferencial da obra para os editores alemães: o papel de registro de um importante período do país sob a perspectiva de um estrangeiro. A motivação que fez com que os jornais da Alemanha se interessassem pelo olhar crítico do brasileiro é a mesma que leva à reunião dos textos em formato de livro: conservar as observações de Ribeiro diante do processo de unificação.

Já os posfácios de Mertin são diferentes na edição brasileira e alemã. O texto presente na edição da Suhrkamp é breve e basicamente se limita a apresentar a relação entre o escritor e a tradutora antes, durante e após o intercâmbio. Logo no início ela explica a dificuldade de Ribeiro em aprender o idioma, talvez para deixar claro que, antes de serem publicados nos jornais, os textos passavam por ela para serem convertidos do português para o alemão.

85

⁴ O presente estudo fez parte da pesquisa de mestrado que resultou na dissertação **O olhar de João Ubaldo Ribeiro sobre a unificação alemã: Uma leitura histórica da coletânea Um brasileiro em Berlim**, defendida na Universidade de São Paulo em outubro de 2023.

⁵ „Innenansichten eines Außenseiters: Während eines einjährigen Aufenthalts in Berlin 1990/1991 verfaßte João Ubaldo Ribeiro für die Frankfurter Rundschau sehr vergnügliche Kolumnen über das Leben in der nun nicht mehr geteilten Stadt. Er erzählt wunderbar leicht von seinen Eindrücken, Erfahrungen, Beobachtungen und Gedanken, die ein Brasilianer in Berlin und Deutschland zu Hochzeiten der Wende gehabt hat.“ [minha tradução]

Antes da viagem para a Alemanha, uma grande excitação predominava na casa Ribeiro, na Ilha de Itaparica. A família passou ainda algum tempo no Rio de Janeiro para se preparar para Berlim. Isso incluía um curso intensivo de alemão. Todos estavam convencidos que João Ubaldo falaria fluentemente alemão quando chegasse. Mas o curso foi tão decepcionante quanto suas experiências anteriores com as primeiras lições de um livro didático: “‘Isso é um elefante? Não, isso é uma caneta tinteiro.’ Bom, não é mesmo?”

Assim ele desiste de familiarizar-se com os segredos da língua alemã. Ele usa seu talento linguístico incomum em neologismos ou trocadilhos.⁶ (Ribeiro, 1994, p. 102)

Na edição brasileira, o posfácio de Martin não é apenas mais amplo, mas é também mais crítico, especialmente em relação à visão alemã sobre o Brasil, como veremos a seguir.

Editora Nova Fronteira (1995)

A apresentação de *Um brasileiro em Berlim* é feita por Jorge Amado, que, além de ser um dos mais famosos nomes da literatura brasileira, era também amigo próximo de Ribeiro. Seu texto sobre a coletânea se encontra nas orelhas da edição e não faz referência alguma ao contexto político da Alemanha no momento em que o escritor itaparicano estava no país. Escreve Amado:

[...] Livro delicioso, que se lê com um sorriso nos lábios. João Ubaldo conta do cotidiano da vida, acontecimentos maiores ou menores, relata a travessia do homem e do escritor, acompanhado quase sempre por seus familiares, minha comadre Berenice, a santa esposa, o artista Bentão, nascido em Portugal, e a doce bailarina Chica. Quando a família se vê perdida no aeroporto de Frankfurt, em busca da conexão para Berlim, a pequena Chica descobre que a Alemanha é maior do que o Brasil. As páginas da chegada à Alemanha são muito características do humor de João Ubaldo. Ele ri das mazelas e das pequenezas – a viagem aérea na classe econômica, um dos horrores do nosso tempo –, o riso por vezes se transforma em esgar, nem por isso menos divertido. (RIBEIRO, 1995, orelha do livro)

Em outras palavras, o cronista João Ubaldo Ribeiro é exaltado, assim como o bom humor de seus textos, mas o olhar sobre o momento histórico vivido pelos alemães,

⁶ „Vor der Reise nach Deutschland herrschte große Aufregung im Hause Ribeiro auf der Insel Itaparica. Die Familie verbrachte noch einige Zeit in Rio de Janeiro, um sich auf Berlin vorzubereiten. Dazu gehörte auch ein Intensivkurs Deutsch. João Ubaldo würde, davon waren alle überzeugt, bei seiner Ankunft bereits fließend Deutsch sprechen. Aber der Sprachkurs war so enttäuschend wie seine früheren Erfahrungen mit den ersten Lektionen eines Deutschlehrbuches: „Ist das ein Elefant? Nein, das ist ein Füllfederhalter.“ Gut, nicht wahr?“

So gibt er es schließlich auf, sich in die Geheimnisse der deutschen Sprache einzuarbeiten. Seine außergewöhnliche Sprachbegabung übt sich in witzigen Wortschöpfungen oder Verballhornungen.“ [minha tradução]

principal ponto abordado pela editora Suhrkamp, é ignorado. Como vimos anteriormente, o próprio cronista não acreditava no sucesso da coletânea no Brasil, já que não previa um interesse dos brasileiros pelos assuntos locais da Alemanha. Talvez por isso a edição brasileira conte com uma apresentação de Jorge Amado: como uma forma de dar mais destaque ao “brasileiro” do título do que o local em que este se encontra, “Berlim”.

Ray-Güde Martin, por sua vez, destaca os contrastes culturais entre Brasil e Alemanha: das dificuldades encontradas por Ribeiro no país às leituras dos alemães sobre a terra natal do escritor. Seu posfácio tem a mesma base do publicado na edição da Suhrkamp (fala da troca de cartas entre cronista e tradutora e das dificuldades do baiano com a língua alemã), mas possui uma crítica muito profunda sobre os pré-conceitos que o escritor encarou em solo alemão:

Um brasileiro na Alemanha, na Europa, desperta certas expectativas. Quem sabe ele vem diretamente da floresta amazônica ou refugiou-se – fugindo da violência escaladora nas cidades grandes – no campo ou numa ilha, onde com certeza ainda existem índios que abatem sua caça com arco e flecha?

Em 1988 foi publicada a tradução alemã de *Viva o povo brasileiro*. Mais do que qualquer outra obra da literatura brasileira nos últimos dez anos, este romance foi alvo de resenhas exotistas na imprensa de língua alemã. O título da resenha do *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, “Barões malvados, formosas escravas e mulatos astutos” não se distingue em muito dos comentários de outros jornais, onde se fala de “um golpe de gênio latino-americano” apontando “esta saga luso-tropicalista” sobre “guerras, imperadores, canibais”. E, com a infalível condescendência que às vezes costuma caracterizar as resenhas, o autor recebeu este comentário: “o romance preenche as expectativas em torno de uma obra latino-americana: vibrando em sensualidade, até a última gota cheia de vida exuberante”, ou este: “Ribeiro parece ter se comprometido fortemente com o canto heróico do povo simples. Ele não consegue se isentar de um romantismo social e de uma certa tendência aos clichês.” Questiona-se, então, quem não consegue se libertar de clichês – o autor ou os leitores e críticos? (Ribeiro, 1995, p. 156)

87

A pergunta que surge ao compararmos os posfácios entre as duas edições é: por que a edição alemã não contém uma crítica tão significativa da tradutora? Talvez tenha sido uma decisão editorial, talvez Martin simplesmente tenha ampliado o texto no período entre a publicação do livro na Alemanha e no Brasil. O fato é que tais observações fazem com que o leitor brasileiro compreenda melhor como é o olhar lançado pelos europeus para a América do Sul, o que, conseqüentemente, pode fazê-lo entender melhor algumas observações feitas pelo cronista para o seu leitor alemão.

Editora TFM (2010)

A editora Teo Ferrer de Mesquita (TFM) fez um relançamento da obra em alemão, mas aqui estudaremos o volume bilíngue, justamente por se destacar das demais publicações apresentadas. O livro foi diagramado de forma que a versão em português ficasse lado a lado com a versão em língua alemã – a primeira na página esquerda, a segunda na página direita. Dessa forma é possível analisar facilmente as decisões da tradutora, percebendo-se também as diferenças estruturais dos dois idiomas. As orelhas do livro seguem a mesma lógica, cada qual abrigando a apresentação do escritor em um idioma.

Outro diferencial da edição é a ausência do posfácio de Martin. Em vez disso, o editor assina uma apresentação (também bilíngue), com o intuito de destacar a importância da coletânea quase duas décadas depois de suas crônicas terem sido escritas.

Muito tempo passou sobre os registros de João Ubaldo Ribeiro sobre Berlim, os berlinenses e os brasileiros, observações perspicazes, cheias de humor, sarcasmo e carinho. Tal como cita neste livro, “não se passa duas vezes pelo mesmo rio” e tampouco se vê o mesmo rio duas vezes, como acrescenta ao pensamento de Heráclito. Estarão já fora da realidade estes registros? Se tudo mudou!

Será que mudou mesmo? O preconceito, a rejeição da diferença, o medo do “outro” não existem mais? Os berlinenses, os alemães deixaram de perguntar-se quem são? E o “outro”, o que olha de fora, deixou de perguntar-se quem é?

Vale a pena voltar a estes textos, que nos remetem ainda sobre outra questão atualíssima: que rio é este que agora passa? (Ribeiro, 2017, p. 4 e 6)

88

A nova edição alemã reforça a importância do livro como registro histórico, não apenas para se entender o que aconteceu na Alemanha, mas talvez especialmente para se entender a sociedade alemã atual. Como a edição é bilíngue, é natural supor que o livro chegará às mãos de brasileiros que ainda estão se familiarizando com o idioma e, por meio da coletânea, buscam visualizar mais claramente as diferenças entre a língua portuguesa e a língua alemã (o editor inclusive confirma essa intenção em seu texto⁷), porém Teo Ferrer de Mesquita quer ir além: com sua apresentação ele destaca a importância de se conhecer o passado para melhor entender o hoje. Já aos leitores alemães, suas palavras provocam a autocrítica. Ao iniciar a edição com tais reflexões, o editor já direciona o olhar de seu leitor, independentemente do idioma que este escolha.

⁷ “Com esta edição bilíngue respondemos certamente também ao interesse de muitas leitoras e muitos leitores que estudam ou desejam aprofundar os seus conhecimentos num dos idiomas.” (Ribeiro, 2017, p. 6)

Editora Objetiva (2011)

A mais recente publicação brasileira mantém a base da primeira edição, conservando a apresentação de Jorge Amado e o posfácio de Ray-Güde Martin. O que a diferencia é, como vimos na fala de Ribeiro na introdução desse artigo, a existência de pequenos textos orientativos para brasileiros que pretendem ir à Alemanha. Intitulado de **Apêndice: Alemanha para principiantes**, esse acréscimo “não foi pesquisado objetivamente e se baseia em minhas impressões como visitante mais ou menos assíduo da Alemanha, além de ex-morador de Berlim, onde vivi quinze meses” (p. 115). O baiano ainda orienta o leitor a não levá-lo a sério demais:

Não fiz pesquisa nenhuma para escrever o que se segue e meu compromisso com a verdade, o que lá seja isso, se limita à sinceridade de minhas impressões e à realidade dos acontecimentos a que me refiro. Tampouco defini método algum para estas notas, alfabético, hierárquico, temático ou qualquer outro. Fui escrevendo o que me vinha à cabeça e que acredito ser do interesse de pelo menos alguns principiantes em matéria de Alemanha. Portanto, não leve estas dicas a sério demais. São somente palpites de um compatriota que tem vivência da Alemanha e cujo olhar pode ser muito diferente do de outros. (Ribeiro, 2011, p. 115)

Ao todo são dez tópicos sobre variados assuntos, como idioma e hábitos locais, além de dicas para se ter uma boa relação com os alemães (por exemplo, **Papo de Hitler pega mal**). Os textos são breves e bem-humorados, sendo o primeiro deles sobre o termo *bitte*:

A única palavra absolutamente indispensável na Alemanha é essa. Deve ser pronunciada com o “i” bem claro e não disfarçado pelo “tch” de muitos brasileiros. Serve para tudo, embora seja costumeiramente apresentada apenas como “por favor”. Nada mais longe da verdade. Um *bitte* bem dado, pode quebrar o galho para “com licença”, “desculpe”, “o quê?”, “um desses para mim também” e inúmeros outros casos, levando-se em conta os gestos que podem acompanhá-lo. Quando em dúvida, diga *bitte*, que, numa versão desmunhecada, serve até para “audácia do bofe!” ou, numa versão romântica, “deixe-me ver como você é linda”. O uso criativo do *bitte* já foi suficiente para um amigo meu que não falava nada de alemão namorar com uma alemã vários meses. Imagino que ele dizia também outras coisas, mas na minha presença era somente *bitte*. [grifos do autor] (Ribeiro, 2011, p. 115)

Outro destaque da publicação da editora Objetiva é o fato dela também ter sido lançada, em 2011, em formato digital, ampliando assim o alcance da obra. Não há, contudo, nenhuma atualização sobre o contexto histórico registrado pelas crônicas de Ribeiro. Também é importante ressaltar que, como o próprio autor menciona na citação

trazida na introdução desse artigo, o relançamento da obra no Brasil foi motivado pela Copa do Mundo de Futebol de 2006, que teve a Alemanha como país-sede. Ou seja, o a intenção era aproveitar os holofotes do evento esportivo para atrair novos leitores para a obra do escritor baiano.

Considerações finais

Ao observarmos lado a lado as diferentes edições da mesma coletânea percebemos que ela é apresentada de forma bastante distinta para os públicos dos dois países. Para o leitor alemão, a quem as crônicas foram originalmente escritas, o livro é oferecido como uma perspectiva de um importante período vivido pela sociedade alemã: a unificação, depois de o país passar tantas décadas divididos. A cidade de Berlim, onde João Ubaldo Ribeiro morou com a família, é o principal ponto desse processo, já que também é o local que mais sofreu com a existência de duas Alemanhas em função da construção de um muro que limitava o acesso dos moradores e impunha a cinzenta realidade da divisão.

Já as edições brasileiras ignoram por completo a história alemã e oferecem ao leitor mais uma coletânea de crônicas do escritor baiano, então consagrado como cronista em diferentes jornais do Brasil, com destaque especial a **O Globo**, que contou com a colaboração de Ribeiro por muitos anos – inclusive, antes de sua mudança para a Alemanha, havia sido lançada sua primeira coletânea de crônicas: **Sempre aos domingos** (1988). Aos brasileiros, os textos alemães de Ribeiro são apresentados como entretenimento. A crítica é trazida no posfácio de Ray-Güde Martin, mas uma crítica direcionada aos europeus e seus olhares pré-concebidos sobre o Brasil e não sobre a importância das observações do escritor baiano diante de um momento tão significativo para a sociedade da Alemanha. Como dissemos, essa perspectiva auxilia o leitor a compreender melhor certas abordagens de Ribeiro, que escrevia ao leitor dos jornais alemães, mas pouco acrescenta ao contexto político e social observado e vivenciado pelo cronista baiano.

O inglês John Gledson, pesquisador da obra de Machado de Assis, concluiu que, “para entender as crônicas era essencial ler os jornais da época com bastante cuidado” (Gledson, 2006, p. 16). Essa dedução, especialmente quando feita por um estrangeiro, destaca a importância de se entender o contexto histórico para, de fato, compreender mais profundamente as motivações e observações de um cronista. Por isso, a meu ver, é repreensível a decisão das editoras brasileiras de não abordar os eventos que culminaram na sociedade alemã observada por João Ubaldo Ribeiro. Especialmente porque a divisão alemã foi resultado da Segunda Guerra Mundial enquanto o Muro de

Berlim foi o ápice da Guerra Fria – dois temas presentes nas salas de aula do ensino básico brasileiro.

Em contrapartida, as edições alemãs destacam a importância do olhar estrangeiro para melhor refletir sobre o processo de unificação enfrentado pela Alemanha. O fato da coletânea ser reeditada duas décadas depois de os textos terem sido escritos comprova o valor histórico que as crônicas de Ribeiro conservam. Na década de 90, o cronista provocava a autocrítica do leitor alemão que, talvez, fingisse não ver as animosidades despertadas pela unificação, enquanto no século XXI os textos apresentam uma perspectiva diferente sobre o processo de reunião das duas Alemanhas – uma perspectiva que questiona a narrativa idílica que foi construída ao longo dos anos sobre o período. Além do reencontro entre familiares e amigos, a decisão política forçou a convivência de alemães que, por décadas, viveram em duas sociedades completamente distintas e as diferenças se sobressaíram no momento em que a República Federal da Alemanha agregou ao seu território os estados antes pertencentes à República Democrática Alemã.

A influência das decisões editoriais fica perceptível ao buscarmos estudos sobre a obra. De modo geral, os artigos brasileiros a respeito visam a própria figura de João Ubaldo Ribeiro, focando-se especialmente no texto final da coletânea (*Memória de livros*) e sem dar qualquer atenção ao momento vivenciado pela Alemanha. A única exceção que encontrei foi no livro **Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro**, de Rita Olivieri-Godet, originalmente publicada em francês:

A equação “estrangeiro = inimigo” aparece de forma mais evidente quando as crônicas mencionam as transformações sociopolíticas desencadeadas pela queda do Muro de Berlim. As modificações provocadas por esse acontecimento histórico são o pano de fundo sobre o qual ocorrem as aventuras anódinas do cotidiano do narrador. Uma única vez ele é posto em primeiro plano e se torna o assunto central da crônica intitulada “A velha cidade guerreira”. Nostalgia e indignação misturam-se para construir uma reflexão sobre o destino histórico do homem. (Olivieri-Godet, 2009, p. 259)

O fato de Olivieri-Godet estar, então, na França talvez tenha influenciado seu olhar para a importância histórica da obra. Além de João Ubaldo Ribeiro, outros autores brasileiros registraram eventos históricos de importância mundial (como por exemplo Rubem Braga em **Crônicas da Guerra na Itália** e Ignácio de Loyola Brandão em **O verde violentou o muro**) e é urgente que editoras e escolas percebam o valor didático de tais livros, não apenas para melhor compreensão da História, mas principalmente para o

desenvolvimento do senso crítico – algo cada vez mais raro nas sociedades globalizadas alimentadas pelas redes sociais.

Referências/Quelle

Frankfurter Rundschau. Frankfurt, Alemanha, 11 jun. 1990.

Frey, Luisa. **João Ubaldo Ribeiro: "Sinto um vínculo cultural com a Alemanha"**. 2013. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/joão-ubaldo-ribeiro-sinto-um-vínculo-cultural-com-a-alemanha/a-17155214>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

Gledson, John (org.). **Conversa de burros, banhos de mar e outras crônicas exemplares**. Lisboa: Edições Cotovia, 2006. p. 11-35. (Curso Breve de Literatura Brasileira).

Ribeiro, João Ubaldo. ***Ein Brazilianer in Berlin***. Frankfurt Am Main: Suhrkamp Taschenbuch, 1994. 104 p.

Ribeiro, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 130 p.

Ribeiro, João Ubaldo. **Um brasileiro em Berlim**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 159 p.

Ribeiro, João Ubaldo. **Um Brasileiro em Berlim. *Ein Brazilianer in Berlin***. 5. ed. Frankfurt: TFM, 2017. 162 p. Übersetzt von Ray-Güde Martin.

Olivieri-Godet, Rita. **Construções identitárias na obra de João Ubaldo Ribeiro**. São Paulo: Hucitec / Academia Brasileira de Letras / Uefs, 2009. 288 p. Tradução de Rita Olivieri-Godet e Regina Salgado.